

“VOCÊ SABE O QUE É SEXO” – SOBRE UM TRABALHO COM OFICINAS DE SEXUALIDADE JUNTO A ADOLESCENTES

Lílian Caroline Urnau, Roberta Ertel Baierle

Acadêmicas do Curso de Psicologia da UFSC

Kátia Maheirie, Dra.

Professora do Departamento de Psicologia da UFSC (Coordenadora)
maheirie@cfh.ufsc.br

Resumo

Este trabalho foi elaborado a partir de oficinas semanais, conduzidas por duas estudantes de Psicologia, destinadas a tratar de temáticas relacionadas à sexualidade. Teve como público alvo um grupo de adolescentes de baixa renda, freqüentadores de uma ONG de arte-educação localizada na cidade de Florianópolis-SC. Ao final do trabalho, observou-se a ampliação do conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis, contracepção e uso do preservativo, conquistado por meio de discussões, problematizações e vivências.

Palavras-chave: adolescência, sexualidade, Psicologia Social Comunitária.

Introdução

Este artigo se propõe a analisar os resultados obtidos em um projeto de extensão universitária. O trabalho consistiu no desenvolvido de Oficinas de sexualidade, conduzidas por duas estudantes de Psicologia¹ da Universidade Federal de Santa Catarina, com um grupo de seis adolescentes, entre 12 e 16 anos de idade, freqüentadores do período vespertino da ONG Casa da Criança do Morro da Penitenciária, localizada em Florianópolis-SC.

¹ Lílian Caroline Urnau e Roberta Ertel Baierle realizaram as oficinas no período vespertino e Mariana Barreto Vavassori e Renata Orlandi, realizaram as oficinas no período matutino, sob a coordenação e orientação da Prof. Dra. Kátia Maheirie do Departamento de Psicologia da UFSC.

Ao longo do segundo semestre de 2004 foram realizados onze encontros semanais, nos quais se procurou tratar de temas relativos à adolescência e à sexualidade, buscando esclarecer dúvidas e superar preconceitos. Procurou-se orientar os adolescentes para uma vivência plena e saudável de sua sexualidade, a partir do conhecimento desta e de reflexões a respeito das questões que emergiam do grupo.

De acordo com Becker (1989), a palavra adolescente tem origem no latim *ad*, para + *olescere*, crescer, crescer para. Mas o conceito, tal como é concebido hoje – a passagem da infantilidade para a adultez – tem origem no século passado (Palácios, 1995).

A Organização Mundial da Saúde (2003) define como adolescentes as pessoas com idades entre 10 e 19 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei N° 8.069, de 13 de julho de 1990: Art. 2°, considera a criança, para os efeitos desta Lei, as pessoas até doze anos de idade incompletos, e adolescentes entre doze e dezoito anos de idade.

Conforme Maheirie (2002), o sujeito se faz nas relações estabelecidas no contexto social do qual é produto e produtor, se constituindo e ao mesmo tempo participando da constituição dos outros sujeitos com os quais se relaciona. Neste sentido, segundo Egypto & Bock (2001), deve-se falar em adolescências e não adolescência, deixando-se de lado conceitos genéricos e procurando entender a diversidade, já que este é um fenômeno histórico-cultural e assim deve ser observado. Não há uma vivência universal para uma gama de comportamentos em determinada faixa etária. Em muitas sociedades, a passagem para a vida adulta se dá gradualmente, já em outras, existe um rito de passagem (Egypto & Bock, 2001).

Deve-se levar em consideração fatores sociais, econômicos e culturais na constituição da individualidade do adolescente e não somente tentar explicar este período da vida em termos intra-psíquicos, somáticos ou orgânicos, ligados à puberdade. Quanto às mudanças físicas e corporais, estas são universais (com algumas e importantes variações, como características orgânicas pessoais, hábitos e outras condições ambientais). Mas ao nível psicológico e da relação do indivíduo com o contexto, os comportamentos são muito variáveis (Becker, 1989).

Segundo Margulis (1996), o conceito que define esta etapa da vida é esquivo, ambíguo e difícil de definir. É um conceito impreciso, com limites variáveis. Para este

autor, ser jovem² depende da idade, como condição biológica do corpo, do setor social ao qual o indivíduo pertence e também da geração em que este está inscrito. Juventude é uma condição que se articula social e culturalmente em função da idade. Em cada época e classe social há postulações diferentes de como ser um adolescente e de como experimentar este período da vida.

Conforme Kahhale (2003), deve-se perceber que a adolescência é constituída pela totalidade social e que, sem estas condições sociais, ela não existiria ou não seria esta da qual se fala. Portanto, as condições sociais não apenas facilitam, contribuem ou dificultam o desenvolvimento de determinadas características do adolescente, mas as constroem.

É preciso aqui diferenciar adolescência de puberdade, fenômeno com o qual, muitas vezes, é confundido. Puberdade vem do latim *puberstate*, que significa pêlos, barba, penugem (Cunha, 1982). Segundo Becker (1989) é um fenômeno que ocorre durante a adolescência e tem limites bem mais precisos e estreitos, quando o indivíduo se torna apto para procriar, isto é, adquire capacidade física de exercer a função sexual madura. O termo puberdade agrupa uma série de modificações fisiológicas relacionadas à passagem da infância à vida adulta, caracterizando-se por um processo universal, previsível e predominantemente biológico (Palácios, 1995).

Diante de tantas mudanças corporais que ocorrem neste período, a sexualidade fica mais evidente. Sendo assim, faz-se necessária uma definição deste conceito.

Segundo a Organização Mundial de Saúde:

Sexuality is a central aspect of being human throughout life and encompasses sex, gender identities and roles, sexual orientation, eroticism, pleasure, intimacy and reproduction. Sexuality is experienced and expressed in thoughts, fantasies, desires, beliefs, attitudes, values, behaviors, practices, roles and relationships. While sexuality can include all of these dimensions, not all of them are always experienced or expressed. Sexuality is influenced by the interaction of biological, psychological, social, economic, political, cultural, ethical, legal, historical and religious and spiritual factors (WHO, 2003).

² Os conceitos de jovem e juventude, aqui estão correspondendo ao conceito de adolescente e adolescência, uma vez que de acordo com Pais (1993) não há um único conceito de juventude. Assim, para alguns autores adolescência e juventude são sinônimos, enquanto para outros há uma distinção clara entre ambos os conceitos, existindo, portanto, uma diversidade no entendimento destas categorias.

Já outro conceito associado, sexo, dizendo respeito aos caracteres sexuais e órgãos reprodutivos que permitem a distinção entre homens e mulheres ou ao ato sexual com finalidade de reprodução (Cabral & Nick, 1997). Sexualidade é algo mais amplo, que, além de circunscrever o biológico, envolve também fatores sociais, históricos e afetivos.

De acordo com Nunes (apud Dall'Alba, 1998), sexualidade é uma concepção construída historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores vigentes em determinadas épocas. Inicialmente, era vista como sagrada, um culto à fertilidade entre alguns povos na sociedade agrária do oriente médio; em seguida ocorre a cisão entre prazer e reprodução, perdendo assim o caráter religioso. No império Romano, com a ascensão do cristianismo, é enfatizada a dualidade corpo-espírito, e o pecado passa a ser decorrente da satisfação dos desejos carnis levando à repressão da sexualidade.

A evolução da família, segundo o mesmo autor, também contribuiu para a construção de tais concepções referentes à sexualidade. O termo foi criado pelos romanos para designar um novo organismo social e garantir o pátrio-poder sobre a mulher, filhos e escravos.

A partir do séc XVIII, segundo o contexto político-econômico e influências religiosas, a sexualidade aparece ligada à natalidade, ao casamento, à esterilidade e à fecundação, ou seja, à análise da conduta sexual e seu limiar entre o biológico e o econômico. Com a necessidade de manter a fidelidade feminina, criam-se mecanismos de controle e repressão, vinculando o sexo à procriação, associando o sexo ao pecado. Surge a instituição da confissão, o desprezo pelo corpo e um novo padrão de comportamento sexual, ditado pelos direitos econômicos, pela pastoral cristã e pela lei civil (Foucault apud Dall'Alba, 1998).

Atualmente apesar de serem temas freqüentemente discutidos, sexo e sexualidade ainda são assuntos tabus em nossa sociedade (Dall'Alba, 1998). Isto se reflete, tanto na precariedade de educação sexual repassada às crianças e aos adolescentes, quanto na própria conceituação desses termos, ainda controversos e ambíguos.

Em relação à sexualidade na adolescência, Suplicy (1983) assinala que o adolescente sente-se muito angustiado e culposos por causa de seus anseios sexuais, os quais considera diferentes daqueles que seus pais e a sociedade recomendam. Esse conflito

dificultaria a vivência plena da sexualidade e, como conseqüência, seu desenvolvimento e a busca de prazer.

Para Gauderer (1996), o adolescente, sentindo em seu corpo as sensações mais diversas, se vê impulsionado sexualmente, querendo ou não, estando preparado ou não. A partir de então, reavalia conceitos e informações e tenta se readaptar. Dessa forma, sente-se perdido e confuso, ao mesmo tempo que gratificado e extasiado com esse seu novo potencial.

A forma como os adolescentes vivem sua adolescência e realizam a transição para a vida adulta faz-se mais tranqüila quando o adolescente está informado sobre sua sexualidade. De acordo com Gauderer (1996), em meio a um emaranhado de sentimentos novos, o adolescente necessita de orientação, precisa receber informações sexuais de maneira clara, imparcial, não moralista, não religiosa e calcadas na realidade. Nesse sentido, segundo Paiva (1996), educadores e psicólogos devem ter como pressuposto, na educação sexual, que o indivíduo deve se tornar sujeito e agente regulador de sua própria sexualidade, e não objeto de desejos e roteiros sexuais impostos pelas escolhas dos outros.

Conforme esse referencial, buscou-se orientar os adolescentes participantes das oficinas, ampliando o entendimento de sua própria sexualidade e possibilitando reflexões sobre ela, de forma a favorecer uma passagem mais tranqüila e saudável pela adolescência que, em nosso contexto cultural, é uma etapa em que a sexualidade surge mais evidentemente como um fator mobilizador do sujeito. Além disso, buscou-se discutir questões práticas, tais como comportamento preventivo e de contracepção.

Material e Métodos

As oficinas de sexualidade consistiram no trabalho com um grupo de seis adolescentes, com idades entre 12 e 16 anos, frequentadores do período vespertino da Organização Não-Governamental Casa da Criança do Morro da Penitenciária. Esta ONG atende crianças e adolescentes de baixa renda, moradores do referido morro, situado no município de Florianópolis, oferecendo atividades extra-classe, como reforço escolar, oficinas artísticas dentre outros, objetivando um trabalho voltado a arte-educação.

Os encontros foram realizados semanalmente com duração de uma hora e trinta minutos, sob a condução de duas acadêmicas de Psicologia e coordenação de uma professora do curso, sendo organizados conforme temáticas relacionadas à sexualidade e a adolescência, conforme descrito abaixo.

Na primeira oficina apresentou-se o trabalho a ser desenvolvido, bem como se estabeleceu o compromisso com o grupo. Buscou-se conhecer os adolescentes e suas demandas para com as oficinas, por meio da compreensão de alguns de seus sentimentos, dúvidas e temores. Para tanto, se propôs a criação de um personagem adolescente, do sexo masculino ou feminino, desenhado em papel pardo. Os participantes deveriam nomear o personagem e escrever seus gostos, sonhos, questionamentos e temores³. Depois as coordenadoras disponibilizaram aos adolescentes a Caixa de Dúvidas, para depositarem questões e dúvidas quando preferissem o anonimato.

Na segunda oficina procurou-se conceituar os principais vocábulos referentes à sexualidade, tendo por objetivo a exploração das informações e dúvidas dos adolescentes em relação aos termos Relação Sexual, Vagina, Pênis, Menstruação, Masturbação, Métodos Contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). Cada um dos termos estava escrito em uma folha, estas foram repassadas a todos os adolescentes por meio de rodízio. Primeiramente, cada um escreveu os sinônimos destes, depois o conhecimento a respeito e, na última rodada, as dúvidas relacionadas. Posteriormente, leu-se tudo o que foi escrito e iniciou-se uma discussão sobre os termos⁴.

Após esta atividade, explorou-se as opiniões dos participantes em relação às diferenças entre ficar e namorar. Os mesmos tinham as opções de concordar, discordar ou ter dúvidas diante de afirmações feitas sobre o tema, tais como: “Ficar é o começo para namorar”; “Todos os namorados transam”. Desta forma, depois de cada frase pronunciada, deveriam se movimentar na direção de um entre três cartazes fixados nas paredes da sala; os quais continham as palavras “Concordo”, “Discordo” e “Tenho Dúvidas”. Em seguida

³ Esta atividade foi adaptada da técnica intitulada Juventudes, do Caderno de Atividades do Protagonismo Juvenil (2001).

⁴ Técnica adaptada do livro Aprendendo a ser e a conviver (1999).

debateram-se as opiniões⁵.

No encontro de número três contou-se com a presença de uma enfermeira⁶ que se dispôs a uma conversa com os adolescentes para esclarecer e informar sobre: puberdade, mudanças corporais e fisiológicas, relação sexual, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e preservativos.

No quarto encontro abordou-se a temática Métodos Contraceptivos. Primeiramente, apresentou-se e explicou-se todos os métodos, os quais, de acordo com o Caderno Sexo sem Vergonha (2001), são classificados em comportamentais, mecânicos, de barreira, químicos, hormonais e cirúrgicos. Para tanto, contou-se com o auxílio de cartazes que continham algumas informações e figuras dos mesmos. Depois, utilizando uma prótese de pênis, os jovens aprenderam a colocação correta do preservativo masculino. A atividade seguinte consistiu na redação coletiva de uma história tendo como tema a negociação do uso da camisinha por um jovem casal de namorados em sua primeira relação sexual.

Na quinta oficina continuou-se com o tema Métodos Contraceptivos por meio do jogo educativo Aprendendo a Viver (2001), que aborda assuntos sobre a sexualidade e vírus HIV, para que os adolescentes compreendessem as informações transmitidas na oficina anterior de forma lúdica.

No encontro seis trabalhou-se sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). Primeiramente explicou-se as doenças sífilis, gonorréia, herpes genital, tricomoníase, verrugas venéreas, uretrite, hepatite B, AIDS e HPV, e seus principais sintomas. Enfatizou-se que a qualquer sinal de alteração na área dos genitais, como mau-cheiro, coceira, feridas, verrugas, dor ao urinar, ardência, vermelhidão ou corrimento, um médico deve ser imediatamente procurado. Ressaltou-se também que a única maneira de se evitar essas doenças é usando o preservativo em toda relação sexual, mesmo que o(a) parceiro(a) não apresente sinais nem sintomas. Em seguida jogou-se novamente o Jogo Aprendendo a Viver (2001).

Na sétima oficina ocorreu uma visita à Unidade de Saúde que atende o bairro em que moram os adolescentes, com o objetivo de conhecimento do espaço e de receber

⁵ Técnica adaptada do livro Aprendendo a ser e a conviver (1999)

informações sobre cadastro e sobre o uso correto do preservativo masculino. Enfatizou-se que o local está à disposição dos adolescentes para informar, atendê-los e distribuir preservativos.

O encontro de número oito teve por objetivo o trabalho sobre o tema Gravidez. A partir de uma história fictícia de um casal de adolescentes, os personagens Camila de 15 e Tiago de 18 anos, que se apaixonam, tiveram sua primeira relação sexual e engravidaram, debateu-se sobre os sentimentos, medos e mudanças na vida da adolescente e em seguida do adolescente que se depara com a gravidez. Ao final, todos os participantes receberam um ovo para cuidarem como se fosse um bebê, durante uma semana, o qual deveria ser trazido no encontro seguinte⁷. Esta última técnica teve por objetivo proporcionar aos adolescentes experimentar, ainda que minimamente, a responsabilidade de se cuidar de um filho.

Na nona oficina abordou-se Planejamento Familiar. Inicialmente, conversou-se sobre a experiência de cuidar do ovo durante uma semana. Em seguida fez-se uma estimativa dos gastos em termos financeiros que representa um bebê e discutiu-se sobre como os adolescentes conseguiriam tal renda⁸.

No encontro de número dez o tema destacado foi Projeto de Vida. Os adolescentes, em duplas, deveriam fazer uma paródia de uma música de sua preferência em forma de diálogo, este deveria contar a história de vida de cada um dos sujeitos da dupla, contemplando aspectos do passado, do presente e do futuro. Depois, cada dupla exporia ao grande grupo sua paródia.

Na última oficina, de número onze, encerraram-se as atividades por meio de uma confraternização num parque ecológico da cidade e realizou-se um amigo secreto entre os participantes e as condutoras das oficinas.

⁶ Agradece-se especialmente a Silvana Maria Pereira, enfermeira do Hospital Universitário da UFSC, que prontamente atendeu o pedido de falar com os adolescentes sobre sexualidade, voluntariamente.

⁷ Ambas as técnicas foram adaptadas do Caderno sem Vergonha (2001).

⁸ Técnica adaptada do livro Aprendendo a Ser e a Conviver (Serrão & Baleeiro, 1999).

Resultados e Análise

No primeiro encontro, para a realização da tarefa proposta de confecção de um personagem, as adolescentes do sexo feminino dividiram-se em uma dupla e um trio, cada grupo desenhando uma adolescente, e os dois rapazes preferiram trabalhar sozinhos, cada um desenhando um adolescente do sexo masculino. O desenho de um dos rapazes destacou-se pela perfeição em relação aos demais o que fez com que os colegas paralisassem sua atividade para observá-lo. Todos terminaram seus desenhos depois de muita insistência das condutoras, uma vez que os caracterizavam como “inferiores” ao do referido rapaz. No momento de escreverem sobre os sentimentos, dúvidas e medos do personagem, o adolescente que se destacou pelo desenho, não forneceu nenhuma característica de seu personagem e nem revelou nenhum medo, elaborou uma única pergunta: “Por que as coisas mudam tanto de uma geração para outra?”, apontando para um questionamento existencial de conflito entre gerações. O outro rapaz nomeou seu personagem de Frankstein, declarando que o mesmo tem medo de morrer, de perder a namorada e de nadar em piscina funda; também afirmou que Frankstein pensa em “ficar com gatas”, namorar e “perder a virgindade com 30 anos”, e que tem preferência pelos grupos musicais Racionais Mc, Facção Central e Mente Consciente.

Quanto as adolescentes, a dupla também só colocou no cartaz um questionamento: “O que você acha da Casa da Criança”, solicitando uma opinião das condutoras da oficina em relação a instituição. Já o trio descreveu sua personagem como “estúpida com os colegas da escola, metida, chata e egoísta”. Mais tarde, pelas falas dos outros participantes da oficina, descobriu-se que estavam descrevendo uma colega frequentadora da instituição. A partir desta atividade, percebeu-se a necessidade de se trabalhar, durante as temáticas relacionadas à sexualidade, com os sentimentos, pensamentos e reflexões suscitadas durante a adolescência, até mesmo sobre esta etapa de vida. Ainda, indicou a importância de se abordar o tema Ficar X Namorar.

Posteriormente os adolescentes depositaram algumas questões na Caixa de Dúvidas, dentre elas: “Você sabe o que é sexo?” “O que é sexo oral?” “Você sabe o que é dar?” “Vocês sabem o que é beijar?” “Você acha legal ter filho?” “Vocês são virgens?” As duas

últimas perguntas demonstraram o interesse dos adolescentes pela intimidade e opinião das coordenadoras, ao passo que as primeiras revelaram a falta de conhecimento sobre o tema.

Nas duas semanas seguintes não houve encontros devido à reunião pedagógica na instituição e ao ensaio para o desfile cívico do dia da Independência. Sendo assim, no encontro seguinte os acordos feitos no primeiro encontro foram retomados antes do início da atividade sobre conceitos relacionados à sexualidade. Optou-se por esta atividade em função das dúvidas, consideradas básicas, depositadas na Caixa. Neste sentido, verificou-se novamente a falta de informações dos adolescentes, que chegaram a citar o câncer, não se referindo ao câncer de colo de útero, como doença sexualmente transmissível. A exceção foi o adolescente mais velho do grupo que contribuiu com informações mais precisas em todos os conceitos, o que pode estar relacionado ao seu nível de escolaridade, pois frequenta a série esperada para sua idade. Vale ressaltar que como sinônimos das palavras apresentadas apareceram alguns termos que parecem ser utilizados no cotidiano, até mesmo como forma de ofensa.

Na técnica relacionada à temática Ficar X Namorar, mais do que a definição destes tipos de relacionamento, as discussões foram fortemente permeadas por questões de gênero. Os dois rapazes do grupo relativizaram os lugares masculinos e femininos em nossa sociedade, pontuando que homens e mulheres têm direitos iguais e que muitas diferenças são culturalmente construídas. Já as meninas, nem sempre assumiam uma postura relativista, somente algumas vezes defendiam a igualdade nas relações, porém pontuando que isto não ocorre na realidade.

Este fato surpreendeu as condutoras que esperavam encontrar na fala dos adolescentes o estereótipo do homem “machista”, aquele preocupado em se relacionar com várias mulheres, mas que ao mesmo tempo as critica quando estas têm o mesmo comportamento.

Além disso, os adolescentes do sexo masculino foram mais enfáticos na importância da dimensão afetiva nos relacionamentos, afirmando preferirem namorar, pelo fato desta relação possibilitar maior troca de carinho e amor, bem como permitir estabelecimento de confiança. Porém, destacaram que no “ficar” pode também haver intensa ligação afetiva.

Apesar do “ficar” ser um relacionamento considerado efêmero e sem estabelecimento de ligação afetiva (assim como as relações sexuais), baseado nos ideais da atual sociedade consumista como afirma Dall’Alba (1998), a opinião dos jovens descrita acima não reflete totalmente esta concepção.

Na oficina com a presença da profissional da saúde os adolescentes prestaram atenção na fala da palestrante, mas não participaram com perguntas, falando sobre experiências ou respondendo aos questionamentos da enfermeira. Entretanto, considerou-se fundamental o acesso dos adolescentes a informações corretas sobre as transformações corporais que acontecem na puberdade, uma vez que, como destaca Becker (1989) o comportamento apresentado pelos jovens é muito singular, ao passo que as transformações orgânicas são universais.

Na quarta oficina, que tratou dos Métodos Contraceptivos, observou-se elevado interesse dos participantes, principalmente das moças em relação ao mecanismo de funcionamento e uso da pílula anticoncepcional. Perguntas não foram feitas. Neste dia estavam presentes apenas quatro adolescentes, dos quais três aceitaram colocar o preservativo masculino na prótese após a demonstração das coordenadoras, fazendo-o de maneira correta.

Na atividade final, de construção de uma história sobre a primeira relação sexual de dois jovens, apareceram como temores da personagem feminina na primeira relação sexual, o medo de doer, de se arrepender e de engravidar; ela também questionava se o namorado realmente gostava dela. Já o personagem masculino tinha receio de “brochar” e de como seria sua performance na relação. Quanto à negociação do uso da camisinha, foi da personagem feminina a iniciativa, sendo que o rapaz resistiu por um momento em usá-la. A história termina quando a mãe do rapaz chega em casa, o que impede que o casal tenha sua primeira relação. Os medos sentidos pelos personagens podem estar relacionados aos sentimentos dos jovens participantes das oficinas, retratando questões importantes e relativas do seu cotidiano.

Na oficina de número cinco, esperava-se fixar os conhecimentos sobre contracepção, o que realmente ocorreu tendo em vista que os adolescentes responderam corretamente todas as questões do Jogo Aprendendo a Viver (2001). Isto também ficou

claro quando os participantes ajudaram um rapaz, que participou das oficinas apenas neste dia, a responder corretamente as questões do jogo, uma vez que o mesmo possuía os conhecimentos já adquiridos pelos demais. O jogo mostrou-se eficaz para a solidificação das informações repassadas aos adolescentes, uma vez que trazia situações concretas com as quais poderiam se identificar.

No sexto encontro, durante a explicação sobre as DSTs, os adolescentes, como na maioria das oficinas, prestaram atenção, mas não interagiram. No decorrer do jogo, diante das respostas acertadas, percebeu-se que o conteúdo foi compreendido. Vale destacar o entusiasmo dos participantes em jogar, sendo este o motivo da utilização do jogo duas semanas consecutivas.

Na semana seguinte, devido à reunião pedagógica, não houve atividades na instituição, o que adiou a visita a Unidade de Saúde para o próximo encontro. Neste dia, os adolescentes acompanharam atentamente as explicações da funcionária que conduziu a visita, não aparecendo nenhum questionamento. Quando lhes oferecido os preservativos masculinos, os adolescentes prontamente pegaram algumas unidades, à exceção de uma que demorou para tomar a iniciativa, ao final só levando um preservativo.

A oficina de número oito também foi adiada, pois mais uma vez não houve atividades na instituição. Neste encontro, durante a discussão sobre a história do casal que engravidou, falou-se sobre como é estar apaixonado, para um rapaz e para uma moça. Segundo os rapazes, a garota fica “no mundo da lua”, só pensando no garoto por quem está apaixonada. Neste momento as adolescentes contestaram, dizendo que elas também fazem outras coisas quando estão apaixonadas, e que também escrevem o nome do garoto no caderno e desenham corações.

Quando se falou sobre como se sente o garoto apaixonado, um dos rapazes disse que ele tem vontade de “comer” (ter relação sexual) a menina. As condutoras perguntaram se era somente isso que um menino sentia e a resposta foi afirmativa. Aí perguntou-se se a menina também sentia vontade de ter relações sexuais quando está apaixonada e as participantes responderam que não: “se ela sente vontade ela é puta!”. Neste ponto, o adolescente mais velho do grupo interveio afirmando que as meninas também sentem vontade, mas que podiam, muitas vezes, serem consideradas “galinhas”, enquanto os

homens não. O rapaz explicou que isto se deve a diferença na educação de ambos, em que o menino é estimulado a ter muitas relações sexuais, mas a menina não.

Este fato demonstra o pensamento crítico do adolescente em relação à questão de gênero, aos padrões estereotipados exigidos de homens e mulheres. Neste sentido, o jovem questiona a vigência destes padrões, existentes a tempos, ainda presentes na sociedade atual. O papel feminino foi relativizado na fala do rapaz, muito mais que pelas próprias garotas que apresentaram um discurso preconceituoso, excluindo da mulher a possibilidade de uma vivência plena de sua sexualidade.

Ao falar-se sobre contracepção e prevenção de DSTs os jovens afirmaram que homens e mulheres devem partilhar destes cuidados, complementando que o método mais eficaz a ser utilizado em ambos os casos é o preservativo. Neste momento, percebeu-se que os jovens compreenderam a importância do uso do preservativo, ponto sempre enfatizado nas oficinas. Como o casal da história não se preveniu, perguntou-se qual seria, na opinião dos adolescentes, um motivo para isso. Responderam que o casal não tinha informações a respeito, que não tinham aprendido sobre o assunto, que não tinham oficinas de sexualidade na escola ou que não tinham preservativos consigo.

Durante todo o debate verificou-se que os rapazes tiveram dificuldade em se imaginar na situação vivida pelo casal da história. Um deles falou que não conseguia pensar como seria se ele estivesse esperando um filho; já outro disse que se recebesse a notícia fugiria ou colocaria o filho num orfanato. As meninas, por sua vez, apontaram as transformações que um filho acarreta na vida da mãe, como parar de estudar, começar a trabalhar para sustentar a criança e deixar de sair em festas.

Ao final do encontro, ao receberem o ovo, todos o personalizaram utilizando canetinhas coloridas, desenhando boca, olhos e cabelos e dando-lhe um nome.

No encontro subsequente apenas dois adolescentes retornaram com seus ovos, um deles o manteve em casa e o outro o escondeu na própria instituição, voltando a pegá-lo somente no dia da nona oficina. Os demais quebraram seus ovos já no primeiro dia, alguns propositalmente. Quando se abriu espaço para que relatassem sobre a experiência, aqueles que trouxeram o ovo apontaram não ter encontrado dificuldades. Foi aí que as coordenadoras fizeram uma comparação com o cuidado exigido por uma criança, que

necessita de cuidados constantes, ao contrário do ovo que só não deveria ser quebrado. Mas os jovens não deram continuidade à discussão, não refletindo sobre o ônus da paternidade/maternidade.

Na atividade seguinte, quando levantou-se os custos mensais de um bebê, os participantes mostraram-se surpresos com o montante atingido. Os adolescentes participaram na confecção da lista de itens necessários, mas quando discutiu-se sobre a obtenção do dinheiro para arcar com estas despesas, demonstraram falta de interesse e despreocupação com o assunto e em alguns momentos até imaturidade, dando respostas como: “eu deixo ele [o filho] num orfanato”, “minha avó sustenta”, entre outras.

Projeto de vida foi a temática abordada na décima oficina. Os jovens relutaram em falar de si mesmos, principalmente quando se tratava de seus planos futuros. Um trio rapidamente escreveu sua paródia, referindo-se ao problema de escassez de água. Ao observar a subjetividade, os sujeitos revelam aspectos do cotidiano vivido, suas necessidades e anseios. Em uma localidade de baixa renda, o projeto de vida de cada sujeito se vê estruturado a partir da escassez de recursos, muitas vezes é o próprio futuro que não aparece como possibilidade, como no caso de uma dupla de rapazes que encerrou a atividade antes de falar o que esperavam para o futuro.

Na última oficina os adolescentes mostraram-se entusiasmados com a ida ao parque, alterando a sua rotina diária dentro da instituição. Pareciam divertir-se com a pescaria no lago do parque visitado, com a troca de presentes do amigo secreto e com o lanche composto por pratos levados por cada um. Na confraternização expressaram verbalmente terem gostado do trabalho realizado, dando um retorno às condutoras do andamento das oficinas realizadas naquela ONG.

Destaca-se que ao longo do trabalho algumas dificuldades foram encontradas dentro da instituição. Constantes foram as interrupções, por parte de funcionários e outros alunos, que adentravam na sala onde as oficinas eram desenvolvidas, buscando por materiais didáticos que estavam guardados nesta sala. Estas interpelações atrapalhavam o discurso dos adolescentes e das condutoras que, muitas vezes, sentiam-se constrangidos com a presença de pessoas não participantes da oficina. Ainda, houve muitos dias sem atividades na instituição, o que gerou um redimensionamento do planejamento, reduzindo o número

de encontros e, por conseqüência, as temáticas abordadas, assim como fez com que duas temáticas fossem condensadas numa só oficina.

Considerações Finais

Ressalta-se que o grupo apresentou certa resistência no decorrer das oficinas, não se envolvendo nas discussões, questionando poucas vezes e apresentando dificuldades em se implicar, por meio da imaginação, nas situações problema expostas pelas condutoras, para que a temática da oficina pudesse ser abordada. Isso fez com que algumas discussões ficassem aquém do esperado durante o planejamento das atividades.

Esta problemática encontrada neste grupo de adolescentes pode ter relação com o receio e a dificuldade de se falar sobre sexo e sexualidade, que ainda são assuntos considerados tabus em nossa sociedade (Dall'Alba, 1998). Acredita-se que esta dificuldade pode ter ligação com a falta ou a pouca orientação sexual dada às crianças e aos adolescentes, tanto na família quanto nas instituições de ensino que, quando o fazem, apresentam o assunto somente sob o viés da moral e da religião. Estas informações valorativas acabam por ser incompletas, causando no jovem uma confusão entre aquilo que sente e deseja e aquilo que a sociedade e a família esperam dele, conforme pontua Suplicy (1983).

Apesar da resistência do grupo com o qual se trabalhou ser um aspecto relevante, este não impediu que os adolescentes tivessem uma aprendizagem dos temas trabalhados, fato constatado ao longo das oficinas quando respondiam corretamente a questões elaboradas durante as oficinas e aquelas que constavam no Jogo Aprendendo a Viver (2001). Observou-se uma ampliação dos conhecimentos sobre os temas DSTs, métodos contraceptivos, gravidez e uso do preservativo.

Além disso, importantes questões foram problematizadas, através de debates e vivências e embora, muitas vezes, opiniões não fossem formadas, o mais importante foi ter dado aos adolescentes a oportunidade de pensá-las e ter acesso a informações imparciais sobre sexualidade.

Nesse sentido, aponta-se a importância que estas oficinas tiveram para os adolescentes em questão, já que segundo Gauderer (1996), o adolescente precisa de

orientação clara e apoiada na realidade, uma vez que o mesmo, em nosso contexto cultural, passa por uma confusão de sentimentos, por transformações fisiológicas e corporais e experimenta novas sensações nesta etapa da vida. Isto também foi percebido quando um dos adolescentes reivindicou a continuidade das oficinas no ano seguinte.

Por fim, vale destacar, que não se pretendeu com este trabalho, incentivar os adolescentes a terem relações sexuais ou a iniciarem sua vida sexual antes do tempo que considerassem adequado, mas proporcionar-lhes um espaço aberto e imparcial, ou seja, sem juízos de valor e sem opiniões já formadas, para que pudessem expor dúvidas, adquirir informações, bem como pudessem refletir sobre a sua sexualidade, tornando-os sujeitos de sua própria sexualidade, e não a deixando ser regulada pelas expectativas dos outros (Paiva, 1996).

Referências

ANNES, RUI. **Sexualidade normal hoje**. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v. XXX, n.4, p.955-962, 1996.

BECKER, DANIEL. **O que é adolescência**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLOS, PETER. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de Atividades Protagonismo Juvenil**. Brasília: Ministério da Saúde / Mimeo, 2001.

CABRAL, ALVARO & NICK, EVA. **Dicionário Técnico de Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CUNHA, ANTÔNIO GERALDO da. **Dicionário Etmológico**: Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2 ed., 1982.

DALL'ALBA, LUCENA. Educação sexual da pessoa caracterizada como deficiente mental: construção da autonomia. In: BIANCHETTI, LUCÍDIO; FREIRE, IDA. **Um olhar sobre a diferença**. Campinas: Ed. Papyrus, 1998.

EGYPTO, ANTONIO CARLOS & BOCK, SÍLVIO. **Adolescências**. In: GTPOS. Boletim GTPOS. N.20, abril/junho,2001.

GAUDERER, CHRISTIAN. **Sexo e sexualidade da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ITAJAÍ. Secretaria da Criança e do Adolescente. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 3. ed. Itajaí: COMDCA, 2001.

JOGO APRENDENDO A VIVER. Instituto Kaplan. São Paulo, 2001.

KAHALE, EDNA MARIA S. P. Gravidez na adolescência: orientação materna no pré-natal. In: OZELLA, SÉRGIO (org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

MAHEIRIE, KÁTIA. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Revista Interações**, v. VII, n. 13, p.31- 44, jan./jun. 2002.

MARGULIS, MÁRIO (org.) **Ensayos sobre la cultura y juventud**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996.

PAIS, JOSÉ MACHADO. **Culturas Juvenis**. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIVA, VERA. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e sujeito sexual. In: PARKER, RICHARD. & BARBOSA, REGINA MARIA (orgs). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA:IMS/UERJ, 1996.

PALACIOS, JESÚS. O que é adolescência. In: COLL, CÉSAR.; MARCHESI, ALVARO. & PALACIOS, JESÚS (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SERRÃO, MARGARIDA. & BALEEIRO, MARIA. CLARICE. **Aprendendo a ser e a conviver**. 2.ed. Salvador: FTD/Fundação Odebrecht, 1999.

SEXO SEM VERGONHA: uma metodologia de trabalho com educação sexual. São Paulo: ECCOS – Comunicação em sexualidade, 2001.

SUPLICY, MARTA. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

_____. **Sexo para adolescentes**: amor, homossexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS. São Paulo: FTD, 1988.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Glossary. 2003. Disponível em: <www.who.int>. Acessado em: 01/04/2003.